

Gente comum com vida incomum: um estudo de Atos 2.42

7 de agosto de 2018



A Igreja enche o mundo todo e é peregrina sobre a terra. Ela tem sua origem na graça celestial. Pois os filhos do sangue, mas pelo poder do Espírito. Eis a razão por que a Igreja é chamada a mãe dos crentes. E, indut ser filho da Igreja debalde deseja ter a Deus como seu Pai. Pois é somente através do ministério da Igreja educa até que atravessem a adolescência e alcancem a maturidade (João Calvino).

Essencialmente, a igreja é, foi e será uma comunidade de adoração singular, permanentemente unida no sagrado celestial, o lugar de a presença de Deus. Nela todos que estão vivos em Cristo, vivos e mortos fisicamente adoram de maneira contínua. No entanto, em outras palavras, essa única igreja, se torna visível na forma chamada para cumprir o papel de ser um microcosmo da igreja, como um todo (J.I.Packer).

INTRODUÇÃO

Durante todo o processo histórico-revaccional a igreja como povo de Deus tem nos seus limites e virtudes tentar

ações no cotidiano da vida humana. Homens e mulheres que viviam sob o crivo da alienação espiritual tiveram a redentora da Trindade.

Uma vez transformadas pelo anúncio da verdade evangélica estas pessoas foram chamadas a viver sob um novo paradigma. Isso constitui como um elemento pedagógico importante na reconstrução da realidade sócio-cultural e no alcance salvífico. Essa nova maneira de viver, por exemplo, envolve questões básicas, tais como: a dignidade da vocação; humildade incondicional; a consciência da unidade e diversidade cristãs; uma série de virtudes, já recomendada pelo apóstolo Paulo (Ef. 4.1-16).

Entretanto, além destas qualidades espirituais descritas na teologia paulina, e em outras passagens bíblicas, o evangelho também nos apresenta através de sua narrativa histórica que várias pessoas alcançadas pelo evangelho evidenciaram no dia a dia um novo comportamento como resultado de uma mudança de comportamento realizado pelo poder do Espírito Santo na cidade de Jerusalém. A prática cristã que nos ensina a reavaliar a nossa conduta diante de uma cultura que tem traços narcisistas, relativistas e individualistas.

[...] ENTÃO, OS QUE LHE ACEITARAM A PALAVRA, FORAM BATIZADOS, HAVENDO UM ACRÉSCIMO NAQUELA IGREJA DE TRÊS MIL PESSOAS. E PERSEVERAVAM NA DOCTRINA DOS APÓSTOLOS E NA COMUNHÃO, NO PARTIR DO PÃO E NAS ORAÇÕES. EM CADA ALMA HAVIA TEMOR; E MUITOS SINAIS E MILAGRES ERAM FEITOS POR INTERMÉDIO DOS APÓSTOLOS QUE CRERAM ESTAVAM JUNTOS E TINHAM TUDO EM COMUM. VENDIAM AS SUAS PROPRIEDADES E BENS, DISPOSTOS A DAR O PRODUTO ENTRE TODOS, À MEDIDA QUE ALGUÉM TIVESSE NECESSIDADE. DIARIAMENTE PERSEVERAVAM NO TEMPLO, PARTIAM PÃO DE CASA EM CASA E TOMAVAM REFEIÇÕES COM ALEGRIA E SINGELEZA DE CORAÇÃO, ELogiando DEUS E CONTANDO COM A SIMPATIA DE TODO O Povo. E ASSIM, ACRESCENTAVA-LHES O SENHOR, DIA A DIA, OS QUE SE FAZIAM SENDO SALVOS. (LUCAS – ATOS 2.41-47)

A. O ENREDO HISTÓRICO

Anúncio e arrependimento

A análise dos versículos supracitados não pode alienar-se de todo o enredo histórico descrito pelo evangelista Lucas. Para compreender esta forma, uma leitura reflexiva dos seguintes temas: o anúncio, o arrependimento e a nova vida é necessária. Encontramos o Espírito de Cristo promovendo mudanças essenciais na vida de indivíduos através da proclamação da mensagem da descida do Espírito Santo em Jerusalém, até as viagens promovidas pelo apóstolo Paulo em toda a Ásia Menor.

Kistemaker (2006) ao estudar o capítulo dois de Atos estrutura essa porção escriturística, afirmando que o leitor encontra o derramamento do Espírito no dia de Pentecoste; a realização de uma reunião de caráter sócio-cultural revelador; a

a dimensão do cumprimento da profecia do Antigo Testamento; o sermão expositivo de Pedro no poder do Espírito de Deus e a descrição da vida comum da igreja cristã em Jerusalém, como resultado da plenitude do Espírito de Deus. Nessas cenas, o anúncio ou discurso promovido pelo apóstolo Pedro foi o veículo pelo qual Deus promoveu a conversão. Stott (1994) compreende que os discursos no livro de Atos, se apresentam como canais, pelos quais, Jesus Cristo comunicou-se através da pregação alimentando os seus discípulos com a suficiência da sua palavra. Quanto a esse discurso Kistner (1994) afirma:

[...] depois de enumerar as nações do mundo e descrever a reação do povo ao milagre do Pentecoste, Lucas descreve Pedro faz nessa manhã. O sermão em si é um modelo para outros sermões e discursos registrados em Atos, explicando o acontecimento propriamente dito e citando a profecia de Joel. Depois pregar o evangelho da morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Por último, exorta os presentes a que se arrependam e sejam batizados.

A exortação produzida pelo apóstolo Pedro fundamentou-se na promessa de caráter profético, de que chegaria a nova humanidade, em que o Espírito de Deus realizaria um papel de proporções mais amplas e contínuas sobre a vida humana, distinguindo dessa forma, da atuação temporária e limitada a Israel no cenário veterotestamentário. O resultado disso foi visto no arrependimento genuíno daqueles que foram tocados pelo poder do Espírito Santo evidenciado nas seguintes palavras: *compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?* (Atos 2.37).

Stott (1994) ao analisar esse acontecimento, parte do pressuposto de que a expressão *“compungiu-se-lhes o coração”* indica que cada pessoa experimentou, procurando ansiosamente descobrir qual ação deveriam fazer para eliminar aquele pecado. Ele os convida ao arrependimento e fé em Jesus Cristo assumindo tal compromisso através do batismo, como uma expressão de submissão ao senhorio do Filho de Deus.

Marshall (1991) compreende que o anúncio de Pedro produziu um choque drástico no coração das várias pessoas que estavam presentes, surpreendidas por uma intensa convicção de seus pecados. O autor acredita que diante daquele contexto, o único caminho possível era o batismo. Desta forma, conduzidas pela fé, homens e mulheres experimentaram o perdão divino, e foram batizadas em Jerusalém.

Boor (2003) na análise desta passagem chega à conclusão de que o discurso de Pedro não sociabilizou nenhuma das pessoas aos sentimentos, mas apesar disso, o efeito sobre os ouvintes foi intenso, a ponto de trazer a consciência de culpa e a necessidade de salvação em Cristo Jesus.

Anúncio e arrependimento são dois elementos importantes que antecedem a narrativa de Lucas quanto ao modo de pregação. Desta maneira, ratificamos a verdade teológica de que a pregação das Escrituras Sagradas no poder do Espírito Santo é eficaz no coração humano. Calvino (1998) corrobora conosco ao afirmar que “a pregação é o instrumento mais eficaz para a salvação”.

Num século relativista como o nosso, é necessário que aja um resgate da crença na suficiência da palavra de Deus. A Escritura acentua que

[...] para que possamos de fato esperar confiantes na Palavra de Deus, precisamos primeiramente recebê-la. Não podemos ignorar os problemas vitais da igreja em todos os tempos. Com isto não estou dizendo que a Igreja através dos séculos tem negado a Palavra de Deus. Antes, o que estamos declarando é que a Igreja tem negado a Palavra de Deus. Esta recusa prática tem se caracterizado, como já observamos, na não consideração dos preceitos de Deus. Não significa recebê-la como fundamento e norma do nosso comportamento. Todas as vezes que desconfiamos das nossas decisões, estamos, na realidade, negando a eficácia das promessas de Deus, demonstrando não tê-la recebido. (COSTA, 2001, p.15).

O desafio de cada cristão é o de demonstrar no cotidiano de sua vida, nos momentos simples e complexos que o Espírito Santo não nasce de uma ética situacionista, mas, como resultado de sua crença na inspiração, poder e eficácia da palavra. A igreja sendo coluna e baluarte da verdade tem um ministério proclamativo de proporções inimagináveis. Esse ministério que na rotina da vida cumprem a missão de glorificar a Deus, falando sobre as dimensões do reino de Deus aos seus ouvintes.

professores, donas de casa, domésticas, médicos, dentistas, funcionários públicos e outros profissionais cristão mudanças importantes na história de suas ruas, bairros, cidades e estados.

O estilo de vida destes profissionais e de tantos outros cristãos é um elemento didático essencial na execução des: oferece-nos uma narrativa vívida de como os primeiros cristãos caminham na cidade de Jerusalém. Essa descriçã agiu através dos valores de uma comunidade cristã, fazendo com que o testemunho de vida desse grupo partic daqueles que ainda não haviam experimentado a nova em Cristo.

B. A VIDA INCOMUM DE UMA COMUNIDADE

Atos 2.42-47 descreve detalhadamente o estilo de vida dos primeiros cristãos na cidade de Jerusalém. Contemplan comunidade que vivia sob os paradigmas do reino de Deus. Suas ações revelavam como o Espírito Santo estava a filosofia cristã de crescimento espiritual visível e permanente.

Kistemaker (2006) ao analisar a comunidade cristã em Jerusalém enfatiza a verdade de que Lucas, numa açã desenvolvimento de igreja cristã, relatando em seu texto uma variedade de características, como a espontaneidade,

Segundo Stott (1994) Lucas nesses versículos mostra os efeitos do Pentecoste na vida de três mil pessoas, ap Espírito, que por sua vez, não nasceu naquele dia, pelo contrário, a igreja como povo de Deus remonta pelo meno remanescente do povo de Deus tornou-se o corpo de Deus cheio do Espírito.

Encontramos em Atos 2.42-47 a vida incomum de uma comunidade cheia do Espírito Santo, que foi traduzida em temor, adoração contínua, felicidade, simpatia e crescimento. O nosso desafio é de primeiro momento fazer uma re irmãos tomando como base bíblica apenas o versículo quarenta e dois desta passagem.

Vida incomum conduzida pela aprendizagem

O versículo quarenta e dois afirma que aqueles irmãos “...perseveravam na doutrina dos apóstolos...”. O termo “p conceitos: *conversar-se firme, persistir, ter perseverança, permanecer, continuar e durar*. Na língua grega a expressã “dedicar tempo, energia e esforço a um objetivo específico,” “continuar,” “manter,” “guardar,” e “engajar-se com persi idéia de uma ação contínua, em que há uma dedicação intensa de energia para cumprir um objetivo pré-estabelecido. Três mil indivíduos que experimentaram a transformação produzida pelo Espírito de Cristo estavam continuamente conhecimento socializado pelos apóstolos. Como testemunhas de todo o ministério terreno de Jesus, estes dis responsabilidade de transmitir os valores do reino apreendidos por eles durante todo o período de formação pedag o Filho de Deus.

Esse comportamento presente na vida dos primeiros cristãos em Jerusalém nos remete a constatação de que a p produzem uma espiritualidade divorciada do conhecimento e de todo o processo que envolve a aquisição deste sab

Para que sejamos governados pelos princípios, valores e ensinamentos do reino é importante que tenhamos uma r Sagradas, uma vez que o Cristianismo não pode se resumir apenas “na conversão e no conhecimento de que contentar-se com isso pelo resto da vida; cristianismo é ingressar e desenvolver-se rumo à medida da estatura da nossas mentes e nossas faculdades, se é que desejamos tomar posse disso. Se nos contentamos com menos que somos indignos deste glorioso evangelho.” (LLOYD-JONES, 1992).

Inúmeros cristãos em nosso país estão vivendo num processo de infantilização espiritual. Muitos se governam pelc em que a psicologização da realidade se constitui como elemento vital para a formação humana.

Num outro extremo encontramos cristãos que por aprenderem inúmeros termos técnicos do universo teológi conhecimento de Deus. De tal modo, que se recitarem palavras, como: *reformado, calvinista, atributos incomunicáv geral*, dentre outras, comprovam a existência da verdadeira espiritualidade cristã.

O verdadeiro desafio dos filhos de Deus é o de serem governados pelos critérios das Escrituras Sagradas, e nelas, vida a partir dos seus mandamentos, pois, *só são dignos estudantes da lei aqueles que se achegam a ela com u*

instruções, não considerando nada mais desejável e delicioso do que extrair dela o genuíno progresso. Desse amor (CALVINO,1999)

Vida incomum conduzida pela comunhão solidária

O texto ainda nos diz que aqueles irmãos e irmãs estavam entusiasmados e eu “perseveravam na comunhão.” Stott da premissa de que o termo grego “koinonia” expressa aquilo que os filhos de Deus compartilham, de modo especial relação afetiva entre aqueles que professam a mesma fé. Tal afetividade pode ser mensurada no modo como propriedades e bens uns com os outros, revelando, nesse sentido, cuidado e sensibilidade espirituais.

Essa realidade nos remete a conclusão de Charles Spurgeon, que ao analisar a comunhão cristã chegou à percepção presente, *os crentes amam-se uns aos outros e não há lutas entre eles, a não ser a luta que cada um tem, por desejar a*

Vivendo sob o prisma do cenário pós-moderno, em que os relacionamentos são marcados pela velocidade narcisista do século XXI são convocados a evidenciar laços de uma comunhão solidária verdadeira. Os vínculos interpe encontros rotineiros da fé, que é vivenciada tão somente nos templos e na observância da agenda eclesial.

Quando limitamos a comunhão criada pelo Espírito Santo apenas a este quadro funcional do universo religioso, pela nossa história com outras histórias e de perceber que na multiplicidade sociocultural presente na igreja de Cristo ressignificar dilemas, crises e felicidades que constituem o nosso caminho.

Vida incomum conduzida pelo o partir do pão

Neste mesmo versículo temos a narrativa de que aqueles irmãos conduzidos pelo poder do Espírito Santo pela circunstância, qual o significado desta expressão? Como podemos interpretá-la? Quais as implicações deste “partir” Marshall (1991) afirma que a expressão utilizada por Lucas (*partir do pão*), tem o mesmo significado teológico de “Senhor”, referindo-se ao ato que dava início a uma refeição judaica, e que, ganhou com o passar do tempo, um significado novo. O comentarista (1994) entende que a utilização das expressões: “o partir do pão e as orações,” confere a essas simples atitudes um caráter sacramental singular, constituíam de um modo diferente daquele que lhes deu a origem.

Desta maneira, partindo do pressuposto teológico de que estamos diante uma refeição em que elementos comuns conta do modo como Cristo os tratou e lhes significou, “o partir do pão”, reconhecido também como “Ceia do Espírito e um sacramento importante para a vida cristã.

Participar desta refeição é um privilégio daqueles que foram alcançados pelo amor sacrificial do redentor revelados e promovidos ao patamar e de herdeiros e coerdeiros dos benefícios celestiais. Todavia, não podemos esquecer que *uma refeição comum partilhada por seres humanos. Quando uma pessoa participa com fé, renovando e fortalecer crendo que o Espírito Santo lhe trará bênçãos espirituais por meio dessa participação, então, certamente é de esperar*

Existem várias dimensões que poderiam ser discutidas quando se estuda um tema tão importante como a Ceia. Compreender que “o partir do pão” tem efeitos espirituais pedagógicos importantes no modo como vivemos a fé no pão nosso de cada dia, de que modo tomamos as nossas refeições que aparentemente são simples, todavia, aliando o espiritual.

A espiritualidade e a mística dos ritos eclesiais presentes na Ceia, no batismo, nas orações, nos cânticos, promovem um sentimento inefável, de consagração, de lamento pelos erros, de alegria pelas conquistas deveriam chegar aos filhos, maridos, esposas, patrões, empregados e de cidadãos.

Vida incomum conduzida pelas orações

O último elemento importante na história da igreja cristã em Jerusalém foi a oração, de tal modo, que o evangelista perseveravam neste tipo de atitude, e ao decorrer do livro de Atos encontramos esse comportamento se repetindo com eles.

Charles Hodge (1976) ao definir o significado e o papel da oração, afirma que *“a oração é a conversa da alma com o irreligioso. Não pode haver vida sem atividade. Assim como o corpo está morto quando cessa sua atividade, assim a alma que vive como se não houvesse Deus, está espiritualmente morta.*

Quando avaliamos o nosso modo de ser e viver devemos ser francos ao reconhecer, que não conseguimos cultuar a existência humana. Muitos cristãos perderam a convicção de que a oração é um meio de graça estabelecido por Deus e exercitem a sua fé diariamente na providência divina.

Somos atravessados por situações adversas que de algum modo conseguem produzir uma espécie de preocupação, de que todas as coisas nos serão acrescentadas, se buscarmos o reino e a sua justiça em primeiro lugar. Segundo por Martyn Lloyd-Jones (1990), ao declarar que *“se quisermos conhecer a Deus e ser abençoados por Ele, precisamos conhecer Sua pessoa. Precisamos orar, dizendo: ‘santificado seja o teu nome’, dizendo-Lhe que, antes de mencionarmos qualquer profundo anelo é que Ele seja conhecido entre os homens.*

O segredo para a felicidade cristã tem o seu início, meio e fim numa oração que se comprometa a honrar a Deus e a expressão de sentimento nos conduz a uma reformulação de nossas prioridades e vontades. Agindo assim, Deus jamais nos deixará superficiais.

CONCLUSÃO

Podemos definir a Igreja como sendo a comunidade de pecadores regenerados, que pelo dom da fé, são justificados, respondendo positivamente ao chamado divino, o qual fora decretado na eternidade e efetuando a santificação, proclamando, quer com sua vida, quer com suas palavras, o Evangelho da Graça de Deus, atestando (Costa).

Viver sob o paradigma da graça de Deus evidenciando-a através de uma vida marcada pela aprendizagem, constitui um desafio central de todas as pessoas que foram tocadas pelo Espírito Santo e receberam uma nova vida. Como conseguir transformar discursos religiosos e conceitos teológicos em práticas cristãs genuínas, em que o amor a Deus se torne

A igreja cristã em Jerusalém nos primeiros anos de sua história conseguiu produzir um ritmo de existência teológica: ritualísticas veterotestamentárias e o obscurantismo das religiões pagãs presentes no Império Romano. Movidos por experimentaram etapas espirituais importantes no modo com se constituíram como comunidade da graça naquele

Sendo um organismo vivo e ao mesmo tempo revelando-se como uma organização, a igreja não pode perder a sua essência, vez que dominados pela tecnolatria, criamos e cultivamos relações virtuais, que às vezes nos impedem vivenciar a fé

É certo de que um novo tempo exige a construção de novas categorias, novas maneiras de ser, existir e vivenciar nos aspectos da vida cristã, que continuarão sob o prisma do processo, do contato humano e das experiências em que a fé é tátil e não apenas sob os critérios da lógica cibernética.

Portanto, como gente comum que foi atravessada pelos critérios e valores do reino dos céus temos uma vida incomum, conduzimos a nossa história a partir de uma lógica que é ilógica para aqueles que ainda não foram surpreendidos por

A nossa esperança é a de que essa vida incomum não seja diferente apenas por conta de roupas, sapatos, grifes, mas seja evangélica. Somos incomuns porque guiamos a nossa percepção tendo o Filho de Deus como referencial de vida e fé.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BOOR, Werner. *Atos dos Apóstolos*. Carasinho/RS: Editora Esperança, 2003.
- CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo/SP: Edições Paracletos, 1999.
- COSTA, Hermisten M. P. *A Igreja de Deus: origem, característica e missão*. São Paulo/SP: 2001. Apostila – material não publicado.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: atual e exaustiva*. São Paulo/SP: Editora Vida Nova, 1999.
- HODGE, Charles. *Systematic Theology*. Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1976.

KISTEMAKER, Simon. *Atos*. São Paulo/SP: Editora Cultura Cristã, 2006.

LLOYD-JONES D. M. *Estudos no Sermão do Monte*. São José dos Campos/SP: Editora Fiel, 1990.

MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo/SP: Editora Vida Nova, 1991

STOTT, John R. W. *A Mensagem de Atos*. São Paulo/SP: ABU Editora S/C, 1994.

Artigos Relacionados:

